

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

Trajetória de um aluno estrangeiro na medicina UFSCar

Miguel Arturo Gomez Gomez

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado no Curso de Medicina da Universidade
Federal de São Carlos para obtenção do título de
Bacharel em Medicina/Médico.
Área de habilitação: Medicina
Orientadora: Prof^o Cecília Malvezzi

São Carlos - 2020

DEDICATÓRIA

“Dedico este trabalho aos meus pais, irmãos, avos, minha namorada Tatiane e a toda minha família que, desde o momento que optei por estudar no Brasil me apoiaram e me incentivaram a ir atrás dos meus sonhos. Sem vocês este logro não seria possível.”

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais por me apoiarem nesta jornada, pois mesmo longe sempre estiveram presentes e me deram condições de concluir a graduação em Medicina em uma das melhores Universidades do país. Aos meus avós, Ana, Fredesminda e Augusto que me motivavam a ir atrás dos meus sonhos. Aos meus irmãos Daniel e Santiago que mesmo sem ter conhecimentos da área se importavam e alegravam por meu desempenho durante a graduação. À minha tia Valentina com quem sempre contei para me ajudar com minhas milhões de dúvidas durante a graduação e me ajudou durante os seis anos aqui. Ao resto da minha família que sempre estiveram presentes e me apoiaram para seguir em frente no curso. À minha namorada Tatiane com seu apoio em cada decisão que tomei, me incentivando a buscar novos conhecimentos e mostrando o tamanho da minha capacidade, estando ao meu lado em cada conquista ou dificuldade. Ao meu melhor amigo Rodrigo que desde o começo da graduação compartilhamos as várias etapas do curso e da vida para seguir em frente durante a graduação. Ao meu grupo de internato "intercomunas", Priscila, Giovana, Jhon, Guilherme e Rodrigo - pessoas maravilhosas que fizeram dos últimos dois anos de faculdade inesquecíveis. Aos moradores do apartamento 69 do alojamento da UFSCar, Felipe, João, Hugo e Henrique, que foram fundamentais para minha adaptação neste novo país. E por último, Ao Brasil que me permitiu ter esta experiência maravilhosa numa faculdade como a UFSCar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	05
2. INGRESSO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS	07
3. CICLO I	06
4. CICLO II	08
5. ATIVIDADES EXTRA-CURRICULARES	09
6. CICLO III	10
7. CONCLUSÃO	13

1. INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Medicina UFSCar consiste em uma explanação crítico-reflexiva acerca das experiências profissionais e pessoais ao longo do curso, no meu caso entre os anos de 2015 e 2020. O conteúdo é essencialmente de caráter subjetivo, no qual relatarei minhas experiências acadêmicas e práticas vivenciadas durante estes anos. Nesta narrativa, apresentarei em ordem cronológica os ciclos que compõem o curso, bem como as experiências em atividades eletivas e extracurriculares

2. INGRESSO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Nasci na Colômbia, para ser mais específico na cidade de San Juan de Pasto, cidade pequena da qual eu queria sair para realizar meus estudos de faculdade. Porém estudar fora do país é uma coisa incomum na Colômbia e isso não passava pela minha cabeça. Inicialmente, após finalizar o ensino médio, me preparei para as provas de faculdades públicas no meu país, sabendo que não seria algo fácil. Durante este processo meu pai se encontrava realizando seus estudos de doutorado na UNESP, campus de Jaboticabal e em alguma conversa com os professores da faculdade descobriu que o Brasil tem convênios com vários países ao redor do mundo, sendo a Colômbia um desses. E assim nasceu a ideia de estudar fora do país.

Desde sempre fui motivado pelos meus pais a estudar. Eles se esforçaram ao máximo para proporcionar a mim e aos meus irmãos uma educação de qualidade e nos incentivou a ir atrás do conhecimento. Como já mencionado, entrar numa faculdade no meu país também não é fácil, e em busca deste objetivo me preparei em um cursinho. Me encontrava já no meio do segundo ano de cursinho quando soube sobre a possibilidade de estudar medicina fora do país, o que me motivou, mas ao mesmo tempo sentia medo de não acontecer e perder mais um ano sem entrar na faculdade. Sendo assim e com o apoio de minha família me comprometi a não deixar essa oportunidade passar. Precisei sair da minha cidade natal para a capital da Colômbia, de modo que pudesse estudar o português e continuar me preparando para as provas das outras faculdades, mesmo elas estando em um segundo plano durante essa época.

Em novembro de 2014 recebi a notícia que fui aceito para estudar medicina na UFSCar. Emocionado iniciei os trâmites do visto de estudante e enquanto isto pesquisei sobre o curso. Fiquei surpreso ao ler sobre sua metodologia, totalmente nova para mim. Inicialmente me amedrontou, mas não ia desistir do meu sonho de estudar medicina.

Em março de 2015 entrei pela primeira vez na UFSCar, uma faculdade enorme, na qual eu estava prestes a passar os próximos 6 anos da minha vida

3. CICLO I

Durante os primeiros dias deste ciclo sentia um misto de sentimentos: felicidade, ansiedade, medo, nostalgia, entre outros tantos. Por fim, fazia parte do curso que sempre quis e sabia que seria um grande desafio, principalmente por não ser no meu país e todas as atividades transcorreriam em outro idioma, o qual, mesmo parecido, apresenta várias dificuldades e assim se tornaria um fator fundamental na minha educação.

Na primeira atividade na qual houve uma apresentação pessoal, me encontrava nervoso, pensando que ninguém ia entender o que eu falasse ou que o fato de ser estrangeiro me prejudicaria em alguma forma, mas vi como todos foram muito acolhedores. A atividade se desenvolveu da melhor maneira e soube que ir atrás do meu sonho de ser médico se tornaria realidade. Claro, não seria fácil, mas o fato de não ser brasileiro já não era um medo.

Apenas três atividades seriam desenvolvidas durante estes dois anos no curso, Situação problema (SP), Estação de simulação (ES) e Prática profissional/ Reflexão da prática (PP/RP). Estas se realizam de uma maneira completamente diferente à que fui acostumado desde sempre, com pequenos grupos e um facilitador para cada uma.

Iniciou desta forma o processo de “aprender a aprender” que parece algo muito simples, porém na realidade é algo difícil, a transição de uma metodologia tradicional à nossa, uma totalmente ativa é difícil e precisa de um suporte para os alunos, suporte que do meu ponto de vista foi fraco, pois me senti perdido em relação ao que era para ser estudado de fato e saber o quanto era preciso se aprofundar nos temas. Mas percebe-se como os pequenos grupos são efetivos, pois conseguíamos no final das contas chegar a um raciocínio grupal que cumpria total ou quase totalmente com as ementas

Meu desempenho nas primeiras SPs não foi o melhor, mas com ajuda dos colegas de turma, os veteranos e o entendimento do método consegui um desempenho melhor nestas atividades teóricas.

Uma crítica a esta atividade é que sendo uma atividade na qual estabeleceríamos as bases de nosso conhecimento de medicina, a falta de um facilitador médico que direcione as atividades se vê muito marcada e precisa ser melhorada no curso. Principalmente no primeiro ano, no qual se abordam áreas básicas, como anatomia, fisiologia, histologia, etc. Ao longo deste primeiro ano, em muitos encontros, penso que muitos temas ficaram no ar ou não houve um bom fechamento durante as novas sínteses. No segundo ano, quando o método de estudo já não era mais uma novidade e com a preocupação de reprovar, desenvolvi melhores estratégias de estudos, variando mais as fontes e utilizando os espaços que a faculdade disponibilizava para o aprendizado. Melhorei meu desempenho, e junto com um grupo e uma facilitadora muito bons finalizei este ciclo de SP sem intercorrências. Não entanto, sinto que neste primeiro ciclo são necessárias atividades de caráter misto. Percebo que há muitas lacunas de aprendizado e quem em muitos temas há a necessidade de alguém nos ensinando, para assim consolidar melhor as informações.

Foi na estação de simulação, sob facilitação dos professores Armando Polido no primeiro ano e Luciane Botelho no segundo, que me apaixonei ainda mais pela medicina. Lembro-me bem da primeira atividade, realizada em pequenos grupos, na qual deveria realizar uma entrevista com minha colega. Não foi das melhores, porém consegui realizar uma entrevista adequada e sem problemas. Já na minha primeira simulação, pelo contrário, me encontrava nervoso, de tal maneira que mal conseguia anotar as coisas que perguntava ao ator. Intuí que minha avaliação seria ruim, no entanto o professor Armando foi ótimo e com sua ajuda fui perdendo o medo de realizar estes atendimentos. No segundo ano foi abordada a semiologia dos diversos aparelhos. Durante esta atividade senti que a prática médica se incorporava de forma mais tangível ao meu dia a dia. Foi uma atividade na qual a professora Luciane se comprometeu muito com nosso aprendizado, desenvolvemos várias atividades muito ricas em conteúdo, sendo que a que mais eu lembro é quando fomos ao hospital para realizar exame físico em alguns pacientes para verificar as variações da normalidade que era sempre vista nos atores. Vendo a determinação da professora e com o livro de semiologia médica foi uma atividade muito rica e com muito aprendizado.

Quando vi que logo no primeiro ano já haveria prática profissional me surpreendi, mas sem dúvida é algo que tem uma grande importância na nossa formação, além de ser um fator de diferencial em relação às outras faculdades de medicina.

É uma atividade com um potencial enorme. Descobri isto no dia a dia. Meu primeiro ano foi na USF Aracy II, no qual contava com uma equipe pequena, porém com vontade de fazer a diferença e ajudar uma população com muitas necessidades e problemas sociais. A USF se encontra num bairro da periferia de São Carlos. É um bairro pobre e são facilmente perceptíveis as diversas problemáticas sociais vivenciadas pelas pessoas. Não sabia como me posicionar dentro da equipe e me perguntava como um aluno do primeiro ano, sem muitos conhecimentos, poderia ajudar. Algumas vezes sentia que nós, alunos, atrapalhávamos mais do que ajudávamos e nossas atividades se centravam apenas em falar com alguns pacientes, mas não tínhamos impacto na vida destas pessoas. Associado a isto a professora não participava das atividades práticas sobrecarregando a preceptora. As reflexões da prática neste primeiro ano não foram significativas para mim e senti que foi um espaço desperdiçado.

O segundo ano de prática transcorreu com muitas dificuldades. Meu grupo foi desvinculado da USF Aracy II. Permanecemos algumas semanas sem unidade para a prática e as discussões desenvolvidas não eram proveitosas. Em meados do primeiro semestre fomos para a USF Jardim Munique, na qual o preceptor era bom, porém ele não participava das discussões no departamento e não havia muita boa receptividade por parte da equipe. Sem um aviso prévio fomos desvinculados desta USF também, novamente sem unidade perdemos parte de carga horária e fomos realocados na USF Antenor Garcia II, uma unidade com uma equipe bem pequena e uma médica concursada no programa mais médicos, que devido a isto era impossibilitada de ser nossa preceptora. Mas contamos com a ajuda da Doutora que trabalhava na outra equipe. Ajudamos a realizar cadastramento de famílias da USF e em alguma coisa ou outra, mas de novo sem a ajuda de um

facilitador e preceptor para nos nortear nesta atividade. Foi uma atividade praticamente desperdiçada.

Há vários problemas na atividade da prática profissional nos ciclos básicos e neste exemplo se faz muito evidente a pouca relação que há entre a rede municipal de saúde e a universidade. Sendo que os dois estão perdendo as chances de oferecer um melhor atendimento à população São Carlense.

4. CICLO II

Muitas coisas novas por aprender e outras quais a melhorar foram apresentadas neste ciclo, porém o mais marcante para mim foi a diversificação das práticas. Não seriam apenas prática na USF, atenderíamos pacientes em áreas específicas, saúde do adulto e idoso (SAI), saúde da criança (SCr), saúde da mulher (SMU) e saúde da família e comunidade (SFC). Esta última do meu ponto de vista é apenas uma continuação da prática realizada no primeiro ciclo. Em vista dos diferentes problemas que aconteceram anteriormente na prática profissional eu me encontrava muito ansioso para realizar uma boa atividade do tipo.

As atividades práticas durante o terceiro ano iniciaram da melhor maneira, cada dia que passava eu sentia que gostava mais e mais da medicina. Lembro-me bem do meu primeiro atendimento na SAI, um ambulatório mais especializado e que me deixava ansioso. “Bom dia, meu nome é Miguel, aluno de medicina, eu iniciarei o atendimento do senhor e depois discutirei a conduta com minha professora” - com essas palavras iniciei o primeiro atendimento da minha vida. Demorou pouco mais de meia hora e mesmo achando que tivesse obtido as informações necessárias, a professora Andreia ainda teve que perguntar algumas outras coisas para completar o raciocínio. Construímos hipóteses diagnósticas e o diagnóstico em conjunto. Com meu escasso conhecimento sobre as condutas não tive mais do que concordar com o proposto pela docente, mesmo assim foi um momento inesquecível. Com o tempo após muito estudo e os diversos encontros de reflexão da prática consegui participar ativamente destes processos e ter mais segurança na hora de falar com meus pacientes. Em relação a SMU eu não sabia o que esperar. No primeiro ciclo tive um ou outro contato, mas foi tudo muito superficial. A professora Fernanda foi uma ótima docente que junto com o preceptor na época e agora professor Valter Fausto desenvolveram uma atividade muito rica e de muito aproveitamento. Continuando, agora com a prática da qual eu tinha medo: a SCr, lidar com crianças não era uma coisa que me agradasse muito, porém com o tempo vi que é uma área muito linda, na qual o vínculo com o paciente e os pais ou responsáveis é de vital importância. Por último, a SFC, senti que durante o terceiro ano não foi bem organizada, não entendia o objetivo da atividade e foi pouco ou quase nada proveitosa.

O quarto ano foi um ano muito parecido com o terceiro, porém neste, apresentávamos mais conhecimento que melhorava a capacidade de raciocínio clínico. Aumentava também a complexidade das discussões teóricas e em relação à prática nos possibilitava realizar atendimentos bem estruturados e com uma semiologia mais direcionada. Houveram vários problemas, inicialmente na SFC e novamente mudamos de unidade e até de grupo: nova área, nova equipe a conhecer e novos desafios. A Professora Cecilia tinha um ótimo vínculo com as equipes e nos mostrou como uma especialista em saúde da família e comunidade deve trabalhar em equipe. Percebo que uma profissional assim nos primeiros anos teria feito muita diferença nesta atividade. A SMU durante este ano por pouco não aconteceu. A professora Maristela Carbol fez tudo o possível para facilitar os quatro grupos e mesmo sem todo o volume de atendimento esperado, foi uma atividade excepcional. A SAI teve problemas

principalmente com a oferta de pacientes, mas também com a interação com as diversas equipes com as quais nos relacionamos. A SCR transcorreu sem dificuldades.

A horizontalidade entre professores, preceptores e alunos é uma das coisas que faz deste curso tão especial e só fui capaz de perceber isto durante este ciclo. Sem dúvidas foi algo muito significativo na minha formação e tem me ajudado muito no dia a dia do internato e evidentemente o fará durante a vida como médico, independente do lugar no qual trabalhe.

Em relação as atividades realizadas dentro do campus da universidade, nas SPs, haviam cada vez temas mais complexos e era óbvio como em algumas ocasiões precisava correr atrás das lacunas deixadas pelo ciclo básico, novamente expondo a necessidade de um método de ensino misto. Certos temas às vezes não tinham sido nem levantados nos primeiros anos e agora era uma corrida contra o tempo, pois ao invés de estudar apenas sobre o tema específico da SP tinha que ir atrás de mais volume de estudo e isto prejudica a qualidade de estudo. As simulações foram bem desenvolvidas e se relacionavam com o que estávamos vivenciando na pratica profissional com a novidade que dessa vez não seria apenas um professor, mas sim vários, os quais nos guiariam em uma atividade específica.

5 ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

É relevante falar ao respeito destas atividades neste ponto, pois já no último ciclo, o internato não permite participação em muitas atividades devido a carga horaria.

Eu entrei em contato nas atividades extracurriculares nos simpósios e congressos organizados pelos próprios alunos de medicina da UFSCar. Essas atividades eram expositivas e me chamavam muito a atenção, pois sentia falta delas nos primeiros dois ciclos. A participação nestas atividades era mais fácil devido à menor carga horária em comparação à do internato. Porém as atividades do último ciclo são mais proveitosas em decorrência do conhecimento prévio, o que nos permite entender melhor e expor mais dúvidas. Para o sexto ano tinha planejado assistir a vários congressos nacionais, porém, devido à pandemia essa experiência foi adiada. Mesmo assim, durante esta época houveram várias atividades virtuais das quais participei.

Participei de várias ligas: de neurologia, hematologia, oncologia, urgências e emergências, mas a mais importante foi a Liga de cirurgia da UFSCar (LICU). Meu primeiro contato com qualquer tema cirúrgico foi nesta liga. Participei inicialmente como ligante no segundo ano e como diretor durante o segundo ciclo. Desde que entrei na faculdade já me inclinava pela área cirúrgica e participar na liga só confirmou essa decisão.

Devido à dificuldade de comunicação com minha primeira orientadora, não entendia o que eram as atividades eletivas e qual a sua função. Foi com ajuda de meus colegas de turma que consegui esclarecer e ir atrás delas. Junto com alguns colegas, no nosso segundo ano, optamos por realizar duas eletivas, a primeira na área de radiologia no Hospital estadual de Bauru (SP) e a segunda em patologia e serviço de verificação de óbito no Hospital Guilherme Álvaro localizado em Santos, também no estado de São Paulo. No segundo ciclo realizei estágio na Santa Casa de Misericórdia de São Carlos, no terceiro ano nas áreas de clínica médica e cirurgia geral e no quarto ano nas áreas de cardiologia e pediatria. Já no último ciclo optei por realizar as eletivas no meu país e assim conhecer um pouco mais sobre como funciona o sistema de saúde lá. No quinto ano realizei eletivas nas áreas de anestesiologia e ortopedia e no sexto, em vista da falta de abordagem no curso e ter interesse nessa área para realizar minha residência, utilizei as 200 horas eletivas na área da neurocirurgia, sendo a eletiva que mais consegui aproveitar e me impressionou o tanto de coisas que ficam como lacunas durante a faculdade devido a não ter disparadores para estudar estes temas. Em relação a área de investigação, participei do grupo do professor Francisco Vale, neurologista. Grupo vinculado ao Ambulatório de Neurologia Cognitiva-comportamental da UFSCar (ANEC) e

realizei uma iniciação científica. O projeto era relacionado a transtornos cognitivos e lamentavelmente não foi possível concluir devido a vários fatores, como o importante número de voluntários necessários e a dificuldade de acesso a eles, bem como o acontecimento da pandemia. Assim não foi possível terminar este projeto e espero algum colega possa continuar com ele. Também ajudei ao professor Michel Nasser a criar o protocolo para o tratamento de doença venosa crônica no HU-UFSCar, no entanto, este ainda não foi colocado em prática.

6. CICLO III

Este é sem dúvida o ciclo mais importante da faculdade. Aqui já começa a vivência de “médico”. As atividades práticas tomam quase toda a carga horária e é hora de demonstrar os conhecimentos e sem dúvida aprender mais. Iniciamos esta fase formando o grupo com o qual passaríamos quase todos os dias destes dois anos. Devido a isso torcíamos para ter um grupo com boa dinâmica, bom relacionamento interpessoal, proativo e com pensamentos parecidos. Assim formou-se o grupo E, os “Intercomunas”, um grupo com o qual houve uma sintonia desde o primeiro dia. Pouco a pouco fomos nos aproximando mais e no momento os considero meus melhores amigos e sei que serão uns profissionais muito bons no futuro. Durante o quinto ano, devido a um problema de saúde precisei realizar uma cirurgia e me afastar algumas semanas, e todos eles não se importaram de mudar as escalas de plantões para eu não sair prejudicado em questão de horas de prática. Isto confirmou que fiz a escolha certa na hora de participar nesse grupo. O restante do quinto ano se desenvolveu da melhor maneira e iniciamos também o sexto ano juntos. Ao nosso grupo se integrou um novo colega, pois um grupo precisou ser dividido para o internato rodar. Devido a pandemia houve uma reformulação dos estágios e assim um novo grupo deveria se separar, e dessa vez lamentavelmente foi o meu. Com meus novos colegas há sintonia também e estamos levando o internato da melhor maneira possível.

Agora falando sobre o internato em si, estes dois anos foram os que mais tiveram impacto em minha trajetória de aluno. Aqui já “trabalharia como médico”. Me imaginava chegando cedo ao hospital e saindo após o pôr do sol, não conseguia nem pensar como seria ir para as práticas durante um final de semana ou um feriado. Me perguntava quando teria tempo para estudar, se saberia lidar com meus pacientes da forma que um médico o faria e se teria tempo livre para realizar alguma atividade que não seja relacionada à medicina, entre outras tantas perguntas. Pouco a pouco estas questões foram se respondendo por si mesmas. Entendi que a vida do interno não é fácil. É preciso se dedicar ao máximo, pois possuímos uma responsabilidade para com os nossos pacientes e com nós mesmos que temos de respeitar. E mesmo não tendo a última palavra no manejo dos diferentes problemas apresentados durante as atividades, conseguimos realizar aportes significativos e formamos as bases do profissional que seremos no futuro.

A carga horária é completamente diferente às dos anos anteriores. Os momentos livres são poucos e devemos aprender a administrá-los para assim conseguir realizar as atividades teóricas propostas durante este período, bem como para termos tempo para nós, coisa que percebi ser fundamental. Necessitamos de um tempo para descansar e cuidar de nossa saúde. Isto se reafirmou nos diferentes momentos nos quais eu precisei ser o paciente e vi como que ter ignorado a procura por atendimento especializado ia piorando a minha condição.

Em relação à prática, em fevereiro de 2019 iniciava-se o quinto ano. Lembro-me do primeiro dia no qual foi apresentado o hospital para nós. Aquele lugar no qual sempre desejei trabalhar. Ao entrar senti que seria um ano cheio de grandes desafios. Durante tal período, haveriam cinco

estágios para os quais com uma mistura de ansiedade e entusiasmo me sentia pronto para iniciar.

O primeiro estágio foi pediatria, da qual já não tinha medo. Um mundo novo cheio de uma medicina totalmente diferente que a do adulto. Nos ciclos passados realizamos puericultura essencialmente, já aqui haviam muitas coisas as quais me surpreendiam todos os dias. Inicialmente fui apresentado à neonatologia, uma área pela qual me apaixonei. A prática no seu dia a dia era muito emocionante e para completar aqui entra a professora Renata ou “Renatinha”, uma das pessoas mais inteligentes que já conheci, sempre disposta a nos ensinar e incentivar a ser melhores a cada dia. A outra metade do estágio já se desenvolvia no Hospital Universitário. Nesta, a dinâmica do serviço era diferente. Os preceptores todos demonstravam o seu conhecimento diariamente e se mostravam como um exemplo a seguir. A única atividade que não achei muito relevante foi o ambulatório de **grastopediatria**. As atividades teóricas se desenvolveram de uma maneira muito boa e sem dificuldades.

A seguir veio a ginecologia e obstetrícia, sendo no quinto ano o foco na obstetrícia, área na qual em relação a prática apenas tinha realizado atendimentos prévios de pré-natais. A abordagem que os professores Humberto e Marcos deram foi muito boa, nos guiando através das discussões muito ricas em conhecimento. Neste estágio foi muito evidente a falta de professores que nos acompanhassem nas atividades práticas; os preceptores em sua grande maioria se importavam em nos ensinar e guiar da melhor maneira, porém eram observadas condutas diferentes às que aprendíamos por parte de alguns preceptores. Mas independente do acontecido foi um estágio com grande aproveitamento e consegui participar tanto de partos normais como de cesarianas.

O Terceiro estágio é o que mais me chocou e me dei conta do pouco conhecimento que temos sobre boa parte desta área. A clínica médica é uma parte da medicina com muita abrangência. Felizmente transcorre no HU e a equipe de professores e preceptores tem uma qualidade extraordinária.

Inicialmente minhas atividades foram na enfermaria. Sem tempo a perder, logo no primeiro dia, após uma breve introdução iniciaram-se nossas atividades. Evoluímos na enfermaria e voltou aquela sensação vivida no início do terceiro ano, aquele medo de não saber o que fazer ou como ajudar o paciente. Assim iniciou o estágio que até o momento foi o mais rico em questão de conhecimento pelo qual passei. Havia atividades teóricas para as quais precisávamos estudar, mas também sentia a obrigação comigo mesmo de estudar para o que acontecia no dia a dia com os meus pacientes e ir atrás de conhecimento para ajuda-los. No final do estágio frequentei a área de pronto atendimento hospitalar, na qual se apresentavam casos de diferentes complexidades e foi onde vivenciei meu primeiro contato com a morte, coisa que ao acordar aquele dia nunca pensaria que pudesse acontecer. Foi nesse momento que percebi a necessidade de me esforçar e estudar ao máximo para ajudar até o fim aos meus pacientes.

Um grande problema que na época acometia o nosso hospital era a falta de capacidade de atender pacientes com uma demanda de complexidade maior, pois mesmo havendo uma sala vermelha, a falta de UTI e um laboratório no próprio hospital, limitavam muito a atuação dos profissionais.

O próximo estágio era o mais esperado por mim: a Cirurgia. Essa grande área na qual você usa suas mãos para curar e salvar vidas era por mim esperada desde o primeiro ano de faculdade. No quinto ano o foco é inicialmente a clínica cirúrgica, aprender a diagnosticar antes de qualquer outra coisa. Frequentamos os ambulatórios de cirurgia geral, vascular, **coloproctologia**, urologia, cirurgia plástica e ortopedia, todos com uma grande variedade de

pacientes dos quais podíamos aprender. Quando ia para o centro cirúrgico sentia como era esse ambiente no qual queria trabalhar no futuro. A roupa, as toucas e máscaras e aquela palavra pela qual todo interno sai correndo - “vai se lavar” - marcaram uma parte muito boa desta etapa. Em cada sala havia uma coisa diferente acontecendo e desejava conseguir me dividir para poder estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Os preceptores que nos acompanhavam aqui se mostravam muito interessados em ensinar e me ajudaram a perder o medo de entrar em campo. O pronto atendimento da cirurgia foi o mais proveitoso para mim, pois foi onde realizei minha primeira sutura e meu primeiro dreno de abscesso, como também aprendi a manejar de maneira correta o atendimento do trauma e como lidar com pacientes em condições mais graves. O único ponto que precisa melhorar é a abordagem da ortopedia, foi muito superficial e as atividades teóricas foram poucas. A inserção dos internos no serviço também não foi bem estabelecida.

O último estágio desse ano foi o de Saúde da família e comunidade. Catorze semanas de estágio no qual se torna muito repetitivo, com atividades que poderiam ter sido implementadas em ciclos anteriores. Assim essas catorze semanas poderiam ter sido usadas em outras áreas para melhor aprendizado e abordagem nas áreas que foram abordadas superficialmente durante a graduação. As atividades práticas foram realizadas na USF Guanabara que possui uma equipe ótima, a qual trabalhava de uma forma muito bem coordenada. Com esta estabeleci um bom vínculo, participei dos diversos grupos formados para a comunidade e criei uma conexão com boa parte dos pacientes que frequentavam a USF. Também durante estas semanas foi abordada a área de saúde mental com a qual apenas tivemos contato em algumas SP durante a graduação. Apenas um dia por semana devíamos lidar com uma rede de atenção do município à qual não tinha atendimento por um psiquiatra, assim como uma sobrecarga de pacientes. A atividade é desenvolvida pelo professor Jair em conjunto com os departamentos de psicologia e terapia ocupacional, de modo que era oferecido um atendimento multidisciplinar aos pacientes.

E assim chegou-se ao fim do primeiro ano de internato e iniciou o último ano de faculdade, no qual iniciamos os estágios de ginecologia e obstetrícia, agora com foco na ginecologia. Foi uma atividade com variedade teórica e prática, à qual consegui aproveitar da melhor forma. Após um mês iniciou a pandemia e as atividades foram canceladas, inicialmente por 15 dias, mas tornaram-se meses nos quais houve muita incerteza sobre como seria o retorno à elas, como as mesmas seriam e se nos formaríamos neste ano de 2020.

Foram várias reuniões que não forneceram respostas a respeito. O Governo instituiu o programa “Brasil Conta Comigo”, que foi fundamental para poder terminar este ano de graduação. Entrei neste programa em julho e fui até setembro, quando iniciamos as atividades do internato novamente. Graças a portaria foi permitido usar a carga horária do programa na grade dos estágios de clínica médica e ambulatórios. Para esta volta ressaltar o trabalho dos professores do último ciclo, os quais em conjunto com alunos desenvolveram planos de ensino que nos permitiram voltar às nossas atividades sem muito prejuízo.

O internato volta agora em um novo grupo, com três estágios pela frente. Recomeçamos as atividades do internato oficialmente no estágio de pediatria. Um estágio que se viu muito comprometido pela falta de pacientes e que muitas atividades ambulatoriais não estavam permitidas. Porém a professora Esther fez todo o possível para realizar um estágio no qual fosse possível adquirir muito conhecimento. As atividades teóricas se desenvolveram de maneira virtual. Durante estas atividades virtuais, mesmo que com discussões bem manejadas pelos professores, senti a falta do contato humano e isto me desmotivava a participar.

O estágio de ginecologia e obstetrícia, pela segunda vez esse ano foi muito bem aproveitado. As atividades se desenvolveram de uma maneira muito parecida à do começo do ano. Mesmo

já tendo abordado vários temas nesse período, foi bom revê-los para fixar o conhecimento. Mas também houveram muitas coisas novas acrescentadas ao meu aprendizado. Finalmente o estágio de cirurgia, o mais esperado de todos. Ainda não passei por ele, porém espero aproveitar ao máximo todas as atividades propostas.

CONCLUSÃO

Seis anos se passaram em um abrir e fechar de olhos. Minha trajetória por uma das melhores universidades do Brasil não me trouxe outra coisa, além de muita felicidade. É difícil encontrar palavras para descrever o que sinto neste momento. Foram muitas experiências vividas, nem todas felizes, mas que junto com os meus colegas, amigos e professores tornaram esta experiência única. As frequentes perguntas “por que medicina?” e “por que UFSCar?” agora possuem suas repostas: medicina por vocação de cuidar e ajudar os outros e UFSCar pelo desejo de conhecer uma ótima faculdade, conhecer um novo país e assim, mesmo sem ter nascido nele, me sentir brasileiro.

Após acompanhar o processo de crescimento do curso de medicina e do hospital universitário vejo que, mesmo com dificuldades os profissionais que trabalham aqui estão em sua grande maioria motivados a fazer deste curso um dos melhores do país. Vejo um futuro brilhante para este curso e espero fazer parte dele, nem que seja como professor ou preceptor.

Assim termino com um obrigado e até logo Medicina UFSCar.